

---

## NOÇÕES DE HERMENÊUTICA FILOSÓFICA EM GADAMER\*

---

DOI 10.18224/frag.v29i2.7193

JOELSON CAMPOS MACIEL\*\*

*Resumo: o presente artigo apresenta um pequeno panorama da hermenêutica gadameneana. Para tanto, são traçados os seguintes percursos: primeiro sobre quem foi Hans-Georg Gadamer, abordam-se as transformações havidas na filosofia, as quais proporcionaram a passagem da hermenêutica metodológica para a filosófica. Depois, delimita-se essa hermenêutica apresentada por Gadamer; por fim, discutem-se as duas com as suas principais diferenças.*

*Palavras-chave: Hermenêutica Metodológica. Hermenêutica Filosófica. Interpretação. Gadamer. Linguagem.*

### O AMBIENTE QUE É LIDO POR GADAMER

**N**a tragédia grega *Rei Édipo* escrita por Sófocles (496 AC – 406 AC), há o relato de Édipo, filho do rei de Tebas, Laio e da Rainha Jocasta. Quando nasce, Laio consulta o oráculo de Delfos e tem uma perturbadora revelação: Édipo matará o próprio pai, Laio. Este então determina que o bebê seja abandonado no Monte Citerão para morrer. Contudo, é salvo por um pastor coríntio, sendo levado para a respectiva cidade. Ali foi adotado pelo rei Pólipo (Corinto) como filho.

Alguns anos depois, Édipo consulta o oráculo de Delfos, o qual lhe informa que o seu destino será matar o seu pai. Acreditando se tratar de Pólipo e tentando mudar a profecia, Édipo sai de Corinto para Tebas. No caminho, encontra-se com o rei Laio e comitiva. Há uma discussão entre eles e Édipo mata Laio, sem saber ser ele rei de Tebas e, muito menos, seu pai biológico. Depois, Édipo chega a Tebas e, por conseguir decifrar os enigmas da esfinge (ser mitológico metade mulher e metade leão), que guardava a entrada da

---

\* Recebido em: 07.03.2019. Aceito em: 22.08.2019.

\*\* Doutorando em Filosofia na UNISINOS - sistemas éticos. Mestre em Direito Agroambiental pela UFMT. Promotor de Justiça Ambiental. *E-mail*: applemaciел@hotmail.com.

cidade, liberta aquela urbe da tirania do monstro kafkiano que acaba se matando<sup>1</sup>. Torna-se rei e desposa Jocasta, a viúva do rei Laio que foi assassinado sem que ninguém soubesse ser Édipo o autor do crime.

Certo dia, por causa de um flagelo de fome que assolou Tebas, Édipo é informado por Creonte, seu cunhado, que a fome somente cessaria se fosse descoberto quem teria matado Laio, o rei anterior.

Inicia-se então uma investigação. Tirésias, um cego, considerado como representante de Apolo na cidade, desvenda a Édipo ser ele o autor do crime contra o rei Laio e que o falecido era o seu verdadeiro pai. Diz, também, que Jocasta, viúva de Laio, é a sua mãe. Esta, ao saber de toda a verdade, comete suicídio e Édipo fura os olhos tornando-se errante até a morte.

O que consome Édipo é o seu destino, que se torna realidade e responsabilidade, fazendo-se tragédia em sua vida após a descoberta da verdade. Sendo ele o mais inteligente da cidade soube, por isso mesmo, vencer a esfinge exclusivamente pela razão. Contudo, isso não bastará para mudar o seu destino, tampouco se conformar com ele.

Nem sempre a inteligência e o pensamento universal podem vencer o mundo.

Estamos em 1900 agora.

O Édipo, aqui empregado como metáfora da filosofia neokantiana, vence a esfinge da época das trevas do subjetivismo, trazendo à luz todo o conhecimento metodológico advindo das longas cadeias da razão cartesiana, chegando-se à sistematização do conhecimento por ele mesmo, a exemplo de Kant na sua busca do conhecimento pela crítica de sua possibilidade na *Crítica da razão pura* (1996); pelo agir ético diante desse mesmo conhecimento na *Crítica da razão prática* (2008a) e como se deve formular juízos pelo saber desinteressado, estético, na *Crítica da faculdade do juízo* (1993).

Porém, esse mesmo Édipo glorioso, que venceu a esfinge do conhecimento subjetivo tirano e aprisionador, com relações consideradas impróprias com a metafísica, da revelação teológica, ou seja, que desejou e projetou a sociedade industrial com a Primeira Revolução Industrial em meados do século XVIII e, posteriormente, desafiou o mar com o seu primeiro transatlântico indestrutível no início do século XX, não conseguiu escapar de seu destino de fracasso criado logo no início do séc. XX com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O pior de tudo é que o Édipo iluminista e depois racionalista não mais pode sair errante de uma cidade à outra, de um mundo a outro, mas teve que enfrentar o cego Tirésias<sup>2</sup>, o qual usava outros sentidos para perceber o mundo pelo não-dito da linguagem.

Assim, já no nascimento de Hans-Georg Gadamer, em 11 de fevereiro de 1900, em Marburgo, Alemanha, há também a celebração do aniversário de 350 anos da morte de René Descartes em 11 de fevereiro de 1650, Estocolmo, Suécia, um dos criadores do “Édipo metodológico”.

O pai de Gadamer era um cientista renomado à época e costumava chamar os filósofos de “charlatões”. Assim, o seu filho, ficando órfão de mãe aos quatro anos, e em seguida perde o irmão, ficou à mercê do autoritarismo paterno por longos anos, ao ponto de optar por estudos, em 1918 em filologia alemã, além da literatura e arte<sup>3</sup>.

Entretanto, uma necessidade de analisar a existência humana, refutando os pensamentos globais neokantianos, e frente a Alemanha arrasada pós-primeira guerra, ele sofre larga influência das ideias existencialistas de Kierkegaard e a desconstrução do pensamento racional uníssono promovido por Nietzsche, além do relativismo histórico de Dilthey e E. Troeltsch (ROHDEN; GADAMER, 2009).

Outro ponto que vai minando toda a certeza naquela época foi a contestação do universo newtoniano com a publicação da teoria da relatividade de Einstein em 1905, além de outras obras de grande impacto, a exemplo de *A decadência do ocidente* de Oswald Spengler.

Há uma sensação de relativização de tudo solta no ar (GADAMER, 1997).

Como pensar a sociedade e mundo dentro desse contexto de relativização?

O universo da arte mais voltado à poesia começa a fazer diferença no mundo de Gadamer. Ele acredita que se deve fazer o diálogo com os campos da poesia e arte, mesmo sabendo que eles são considerados frágeis por não terem resposta a tudo, mas uma coisa é certa: tanto a rígida cientificidade e o progresso tecnológico também não eram respostas para aquele estado de acontecimentos.

Todavia, o grande impacto em sua vida foram duas coincidências que o levaram a se aproximar muito da fenomenologia husserliana, especialmente sobre o conceito de mundo da vida, e da hermenêutica existencial de Martin Heidegger: primeiro o seu doutorado nos diálogos de Platão (*Das Wesen der Lust nach den platonischen Dialogen*), orientado pelo neokantiano Paul Natorp e, depois, o seu encontro com Heidegger em 1923, declaradamente influenciado pelo mesmo Platão (ROHDEN; GADAMER, 2009, p. 58).

Heidegger, quando chegou em Marburgo, logo se viu próximo de Gadamer e chegou a compor a sua banca de exame de Estado, tornando Gadamer livre-docente em 1927, inicialmente com um ensaio sobre Píndaro e depois com uma tese também sobre Platão e sua ética dialética: *Interpretation des platonischen Philebos*. Gadamer ainda lecionou nessa faculdade de Marburgo até 1947 e desse ano até a sua aposentadoria em 1968, a exceção de um curto período dando aulas em Frankfurt do Meno, foi professor em Heidelberg, sucedendo a Karl Jaspers (ROHDEN; GADAMER, 2009, p. 59).

Se fosse possível resumir em poucas palavras, dir-se-ia que Heidegger trouxe a Gadamer, pelo retorno aos gregos, o sentido do ser que precisa ser pensado em sua facticidade, em sua realidade temporal. Gadamer, portanto, começa a percorrer um caminho inovador para essa expressão por meio da hermenêutica.

Portanto, as posturas que Gadamer desenvolveu e lhe marcaram o viver filosófico foram: a) a sua permanente atitude de escutar o outro, sempre arriscando que o outro pode saber mais do que eu; b) o uso do método dialógico, que no fundo seria uma saída para o método da modernidade que se viu naufragado após a primeira guerra; c) acreditar que nenhuma pessoa pode viver sem esperança; d) apontar o engodo das ciências sociais em querer esconder o seu subjetivismo; e) proclamar que a hermenêutica sempre se abre para o mistério, para o ser; f) reascender as perguntas de Nietzsche sobre o que significa ser homem e o que sabe o homem propriamente sobre si mesmo; g) reconhecer que há um espaço anterior ao questionamento científico que é desprezado, mas que a hermenêutica defendida por ele aborda e denuncia (ROHDEN; GADAMER, 2009).

A sua obra mais importante foi inquestionavelmente *Verdade e Método*, da qual se passam a traçar alguns aspectos e antecedentes da própria hermenêutica, a seguir.

## VERDADE E MÉTODO: AS HISTORICIDADES DO MORANGO E DE ÉDIPO

Pelas palavras de Gadamer, o que mais o atraiu em Heidegger foi a proposta em poder repetir os gregos, especialmente Platão, já que o neokantismo fracassou na ideia de au-

toconsciência como pensamento global e sistemático. Ademais, havia a necessidade da volta da filosofia às vivências básicas do ser humano, sendo esta última muito mais que as críticas do historicismo com pretensões meramente desconstrutivistas.

As perguntas feitas pela tradição filosófica agora tinham uma representação real, que tornava a experiência *vitae* como palpável e, mais importante, ganhava um caráter de ineludibilidade, ao contrário das eternas questões postas pelo neokantismo que pretendiam atravessar épocas diferentes e realidades díspares, merecendo, portanto, críticas óbvias do ceticismo histórico-realista (GADAMER, 2002, p. 550).

Essa sua experiência com os gregos, desde a formação de filólogo, até pelo impacto da apresentação deles por Heidegger com uma fina ironia hermenêutica, especialmente fazendo ver que as categorias aristotélicas eram formadas especialmente por intuição, experiência e contato com a realidade, fez despertar em Gadamer a compreensão da impossibilidade de “... integrar as ciências empíricas da época moderna na unidade das ciências filosóficas...” (GADAMER, 2002, p. 554), embora reconheça a tentativa nesse sentido na terceira crítica kantiana<sup>4</sup>. Esse foi o seu ponto de partida na formulação sobre a hermenêutica filosófica.

E mais, como na questão levantada por Gadamer, é possível conhecer a hermenêutica como elemento da filosofia se sequer este mesmo objeto não se sabe adequado em seu conceito próprio?<sup>5</sup>.

Em resposta, Gadamer apresenta como plausível a historicidade da tradição filosófica do Ocidente. Mas, por outro lado, se a filosofia não sabe ao certo sobre o seu resultado, porque não perquirir, então, a respeito do caminho em si trilhado, ou seja, o seu conceito, o qual seria, portanto, o seu objeto que não se inicia do zero?

Há alguns parâmetros que podem ser destacados nesse ponto.

O primeiro deles obviamente é considerar a tradição, aqui entendida em Gadamer como preâmbulo da hermenêutica filosófica, como elemento vivo para que houvesse uma recuperação da metafísica destruída parcialmente por Kant desde quando lançou a primeira crítica.

Com efeito, em sua outra obra, *Fundamentação da metafísica dos costumes*,<sup>6</sup> Kant empreende uma busca às limitações de uma virtude imanente ao homem, ou uma fundamentação da ética *a priori*, uma vez que a filosofia encontrava-se numa situação precária em não poder mais se sustentar nem na teologia (GOETHE, 1986, p. 392), na antropologia ou no utilitarismo, segundo declarou (KANT, 2008b, p. 23).

Ocorre que o homem, ao retirar da metafísica os aspectos até então imanentes como a cosmologia, psicologia e teologia racional, tornou-a um conceito frágil, não validada pela razão pura e permitindo que a ciência passasse a reivindicar o papel de *Hermes*<sup>7</sup> do genuíno conhecimento. Assim, houve uma cisão dentro da filosofia mesma com os modernos, posto que um lado passou a figurar a teoria da ciência, a análise da linguagem e a lógica como representantes do conhecimento filosófico e, por outro lado, permaneceu tudo quanto era cosmovisão como nos gregos ou ideologia e não mais estava dentro da própria filosofia como conhecimento (GADAMER, 2002, p. 96).

Sobre isso, nota-se como Kant escreve na *Fundamentação da metafísica dos costumes* ao declarar estar interessado somente na filosofia moral e, sendo assim, lança o desafio de construí-la [...] *limpa de tudo quanto pode ser empírico e pertença à antropologia*, baseada apenas no conhecimento puro, *a priori*, porque somente assim há a possibilidade de sua universalização como dever comum de todos. A experiência, formulada dentro da antropologia

ou física, nesse caso, constituiria uma regra prática, mas não uma lei moral, tendo em vista a impossibilidade de sua universalização (KANT, 2008b, p. 46). Portanto, a melhor qualidade que o homem poderia ter para si mesmo seria a autonomia da vontade, a liberdade de dominar, tornar um sistema absolutamente racional, sem depender de ninguém mais, senão do *logos* (ARISTOTELES, 2006, p. 51).

Gadamer aprofunda na crítica à pretensão de separação e cita a matemática como exemplo de um conceito que serve não somente para definir o seu objeto, racional por excelência nesse caso, mas também para dominá-lo e criar mais objetos indefinidamente por critérios lógicos aquinhoais.

A partir daí surgem mais parâmetros que não poderiam estar fora do conceito de filosofia, mas que para os neokantianos e idealistas alemães deveriam estar longe de suas formas livres de expressão e existência, a saber: a linguagem que deve estar dentro de uma estruturação lógica e racional e também o próprio pensamento.

Gadamer (2002, p. 98), em contestação, enfatiza que a linguagem não teria como ser estruturada sem que haja contato inicial com o universo da experiência, ou seja, antes de se aprender a organizar logicamente uma linguagem, já se sabe o que quer expressar pelo conhecimento prévio que ela mesma, a experiência, favorece em forma de conceito até que surja a palavra em si, ambos os substantivos entendidos no singular, i.e., como substância com unicidade implícita. O conceito, por outro lado, também enseja a substanciação de várias ideias que possam dignificar o que será pensado.

A história dos problemas foi outro parâmetro apontado por Gadamer para criticar o puritanismo neokantiano, uma vez que ela não segue uma linearidade lógico-matemática e é uma forma de denunciar que não há como resolver os problemas filosóficos definitivamente e muito menos dominá-los em conceitos eternos.

Eis um exemplo de história dos problemas: Édipo possui liberdade limitada e vinculada ao destino dado pelos deuses e que lhe foi revelado pelo oráculo de Delfos. Contudo, dependendo da época histórica, tradição, linguagem e demais fatores interpretativos, essa mesma liberdade de Édipo pode ser entendida como plena e não condicionada. Todavia, deve-se observar que, para cada pergunta feita, em qualquer que seja a sua época, sempre há uma motivação que a constrói, que subjaz, motivo pelo qual se vai afinando o problema em si pelas múltiplas historicidades das motivações sem necessariamente obter uma resposta, i.e., o que importa é mais o caminho que o seu final, se é que o tenha.

A linguagem adequada<sup>8</sup> para o conceito aparece como outro problema não resolvido pelos neokantianos. Assim Gadamer expõe a contradição da linguagem filosófica hermenêutica que carrega em si o que subjaz como origem do próprio conceito, enquanto que a tradição cartesiana reflete a linguagem de um conceito autoevidente que se deseja aplicado à filosofia, cujo conteúdo não se expõe à tradição ou significados passados, já que, neste caso, sempre se está diante de um sujeito congnocente neutro, que veste as suas luvas linguísticas que o isolam em relação ao objeto e que somente passa a existir depois que começa a pensar, como sujeito “autoconsciente”, a ser *logos*, portanto. Então, chega-se ao conflito não resolvido entre a “autoconsciência” frente à consciência do mundo (GADAMER, 2002, p. 102).

Esse foi exatamente o drama pelo qual passou o personagem Édipo: o seu passado de homicida, que lhe subjaz, foi-lhe revelado pelo cego Tiresias, e a metáfora da cegueira não é por acaso, mas reflete a necessidade de perceber o mundo de outras formas. Não há como Édipo fugir do seu passado, da sua tradição, do seu conceito trazido em seu próprio nome, já

que Édipo (*Oιδίποδα*) significa literalmente “pé inchado”, posto que quando o seu pai Laio mandou abandoná-lo no Monte Citerão, mandou também furar e pear os seus tornozelos para lhe facilitar a morte (GRIMAL, 2005, p. 127).

Levando-se em conta todas essas características da linguagem, pode-se afirmar, segundo Gadamer, que linguagem também é um autoesquecimento, na medida em que, quando se diz algo, há que se renunciar a parte do que não se pode ser expresso. Aqui o autor traz o exemplo magistral quando a sua filha pequena, aprendendo a escrever, lhe perguntou como se soletrava a palavra “morango”. Gadamer então ditou a ela as letras, e ela respondeu ao pai: “Que estranho, quando ouço assim, não entendo mais a palavra. Só quando volto a esquecê-la é que estou novamente nela” (GADAMER, 2002, p. 104).

Mais uma vez a tragédia grega serve de exemplo ao que Gadamer diz.

Édipo deseja a todo custo mudar o seu destino e, nessa ânsia, realiza a profecia e vence a esfinge somente pela razão. No primeiro caso, ele não sabia, ainda, que matara o seu pai Laio e tinha plena convicção de que ele, Édipo, existia, como rei, porque pensou e respondeu ao enigma proposto, ou seja, porque o *logos* se mostrou autoevidente.

No entanto, bastaram eventos não previstos em sua vida racional vitoriosa, como o flagelo da fome, para mostrar o significado da sua linguagem, que não deixou de ser triunfante perante a esfinge, mas que também não era apenas isso, uma vez que carregava cargas e expressões de culpa que estavam consumindo a sua vitalidade sem que ele pudesse fazer nada. Como ele ignorou todos esses aspectos fora da racionalidade, que venceu a esfinge, acaba sendo sucumbido por uma nova esfinge criada dentro mesmo, ou seja, uma linguagem carregada de conceitos e substratos que, por não terem sido assimilados como significados próprios em sua vida, consumiram-no literalmente.

Portanto, primeiro se conhece a representação de algo pela linguagem com uma palavra (o “morango” do primeiro exemplo), através de seus aspectos racionais lineares. Depois o enquadra em um método para formular o seu conceito, a palavra (Édipo, segundo exemplo quando vence a Esfinge), já predefinido e tornado herói pelo uso que fez da razão na tragédia grega relatada por Sófocles.

Ao se unir ambos (“morango-palavra” e “Édipo-razão”), há, em parte, o autoesquecimento do morango em seu conteúdo não dito (palavra conceitual) ou na historicidade representada pela fuga de Édipo em relação ao seu passado, mas que estas elementares não se tornam importantes para vencer a esfinge, já que não são autoevidentes e não começam do zero em seus significados, duas características muito valorizadas pelo neokantismo (GADAMER, 2002).

## HERMENÊUTICA METODOLÓGICA

Qual o modo de olhar uma coisa? Onde se inicia todo o processo? Onde e quando as lentes do idealismo alemão se tornaram opacas?

Volta-se no tempo.

Inicia-se delimitando o que seria a hermenêutica metodológica e depois a filosófica, fazendo um quadro comparativo entre ambas.

Pelo senso comum atual, a hermenêutica metodológica surge como técnica de interpretação com três vertentes: a literária, a teológica bíblica e a jurídica<sup>9</sup>.

Contudo, uma crítica corriqueira que se pode ter a todas elas é o fato de verem sempre um sistema de análise fechado, sem a oportunidade de participação do intérprete e mesmo sem reconhecê-lo como ser no processo.

Ela começou com os gregos pela preocupação em se preservar e compreender os seus poetas e, após o nascimento de Cristo, tinha o objetivo de explicar as Sagradas Escrituras. Foi a partir do Renascimento, em meados do século XIV, que ela se dividiu em três campos: “... hermenêutica teológica (*sacra*), filosófico-filológica (*profana*) e jurídica (*juris*)” (SCHLEIERMACHER, 2015, p. 7).

Na maioria dos casos, a hermenêutica se apresenta como uma espécie de “manual de instrução” do conteúdo a ser analisado ou preservado.

Tomam-se algumas obras clássicas como exemplo.

A primeira obra hermenêutica relevante que se tem notícia foi feita por Platão em *Ion*, na qual há um diálogo entre Sócrates e Ion, um rapsodo<sup>10</sup> de Éfeso, na análise da arte poética, sobre quem seria o bom intérprete e se aquela arte seria dada por gênio dos deuses ou fruto do pensamento do próprio autor. Diz Sócrates ao rapsodo que é preciso estar além da letra que lê. Deve estar possuído pela letra para poder entender o que está escrito.

A outra obra grega importante é *περι ερμηνειας* (*perí hermeneías*<sup>11</sup>) de Aristóteles (300 a. C.), segundo livro do *Organon*.

Entretanto, neste caso especificamente, Aristóteles refere-se à *interpretação* mais no sentido de um pensar linguístico reflexivo, dentro de sua estrutura e elementos essenciais, como o nome (*tì ónoma*), o verbo (*tì rêma*), negação (*apóphasis*), afirmação (*katáphasis*), enunciação (*apóphansis*) e o discurso (*logos*) para a época, como uma espécie de criação da própria lógica e codificação, ou decodificação, da retórica, bem como “... a correlação dos conceitos de afecções da alma com a articulação dos sons vocais e com a mecânica da *grafia*...”, motivo pelo qual essa produção aristotélica é considerada como uma transição para a apuração da verdade, como sentido próprio da *epistème* (BITTAR, 2003).

A obra *Da interpretação* (*perí hermeneías*) poderia também ser dividida em vários eixos: “a) a estrutura material do enunciado; b) a análise da estrutura lógica do enunciado; c) a relação do enunciado com a realidade; d) as relações entre linguagem e pensamento” (NEF, 1995, p. 21).

Assim, pode-se verificar que, primeiro, há uma diferença grande entre o que seria uma interpretação para Aristóteles do que se entende hoje, já que a sua preocupação era mais para estruturação da lógica pelos seus vários elementos já citados acima e também combater os sofistas. Segundo, Aristóteles foi a ponte entre essa limpeza semântica necessária para a época e a passagem do conceito de interpretação utilizado pelos neoplatônicos e Boécio, na Antiguidade e Tomás de Aquino e Alberto Magno já na Idade Média (NEF, 1995, p. 21).

Na escolástica, uma obra de destaque sobre o tema é a de S. Agostinho chamada *De Magistro* (*Do Mestre*) a qual é desenvolvida a partir de um diálogo entre Agostinho e seu filho adolescente Adeodato, que morreu aos 15 anos, e aborda a importância da fala, a finalidade da linguagem e suas representações (AGOSTINHO, 1980).

Interessante que, em determinado trecho do diálogo de Agostinho, há uma semelhança à metáfora do morango citado por Gadamer quando discutem Agostinho e Adeodato sobre o sentido da palavra “nada” (*nihil*), partindo do pressuposto de que há alguns sinais, ou palavras, que podem não significar algo concreto, mas um significado de alma e Adeodato diz:

*Estás me apertando demasiado; porém observa que, quando não temos nada para expressar, sem dúvida seria coisa tola proferirmos alguma palavra: creio que tu, falando agora comigo, não emites algum som inútil, mas que, com todos os que saem da tua boca, ofereces-me um*

*sinhal, para que eu entenda algo; não precisavas ter pronunciado essas duas sílabas (ni-hil) se com elas não querias significar algo. Se, entretanto, consideras que com elas necessariamente se produza uma enunciação e que elas, ao soarem aos nossos ouvidos, nos ensinam ou nos lembram algo, perceberás logo o que eu desejaria dizer, mas não posso explicar* (AGOSTINHO, 1980, p. 353).

É evidente que se está ainda diante da situação do início da hermenêutica metodológica como a vemos com os modernos<sup>12</sup>, especialmente quando a ciência do espírito foi engolida pela ciência da natureza em sua estrutura metodológica.

Com efeito, a partir de 1700, houve dois autores importante para essa categorização.

Cronologicamente, o primeiro deles é Friedrich Schleiermacher (1768-1834), o qual apresenta uma hermenêutica como ciência geral da interpretação, depois o empirista e relativista histórico Wilhelm Dilthey (1833-1911) que afirma a necessidade de uma ciência do espírito com metodologia própria tal qual a ciência da natureza e não emprestar desta o seu artifício de interpretação.

Quando o mítico não mais serviu para responder à leitura do universo, optou-se por métodos para fazê-lo, sendo a hermenêutica metodológica um deles.

Portanto, as principais características do método hermenêutico metodológico são: a) segue a metodologia das ciências naturais: conhecer para dominar o seu objeto; b) disseca e analisa o seu objeto, mantendo-o distante de si; c) há uma estrutura dualística de análise: ocorre uma cisão entre sujeito e objeto, corpo e alma, teoria e práxis; d) o homem, como razão pura, é sintético e torna-se o único artífice de sua apreciação, livrando-se de outros campos como a metafísica, a ontologia e tudo mais que não seja pragmático, como no método apresentado por Carnap; e) a preocupação primeira dessa hermenêutica é com a validade universal de sua análise pragmática da linguagem, a exemplo do que fez Wittgenstein, ao estudar as regras que regiam os diferentes jogos da linguagem; f) o objeto a ser conhecido é uma joia fixa esperando ser descoberta, em que se parte do ponto zero na sua busca: quer-se extrair o seu sentido, como se isso lhe fosse a essência dele mesmo; g) assim, esse procedimento metodológico precisa se livrar das amarras históricas, políticas ou da moral que lhe impedem a neutralidade, a exemplo de Descartes em seu Discurso do Método; h) a hermenêutica metodológica se preocupa somente com o dito, ou seja, o *logos apofântico* (apenas nega ou não um fato, sem se preocupar com os seus fundamentos ou condições) ignorando o não-dito, ou o terceiro excluído aristotélico; i) vincula-se à palavra *verständnis* (entendimento), enquanto que a hermenêutica filosófica à palavra *ver-stehen* (estar-junto-com, estar-ao-lado-de) (ROHDEN, 2008).

Com Schleiermacher, a hermenêutica metodológica passou a contar com as seguintes características: a) ele foi o primeiro que a retirou dos campos restritos do conhecimento da época para um nível mais geral de interpretação; b) a hermenêutica passou a explicar o processo mesmo de compreender, admitindo-se uma familiaridade entre o objeto e a língua, ou seja, o intérprete não partia do zero, não era mais neutro, distante; c) para toda fala há um pensar anterior, entendida como um todo; d) portanto, há relação entre a parte e o todo, numa dialética (sentido grego) entre a *langue* (linguagem - todo) e a sua forma de acontecer (*parole* – palavra - parte); e) ele ainda desenvolveu algumas regras gerais de interpretação que permitiram libertar a hermenêutica metodológica da teologia e também de retirá-la de

um cipal de regras, ou “manual de instrução”, que havia para cada ramo de conhecimento (ROHDEN, 2008).

## HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

A obra *Verdade e Método* de Gadamer traz uma revelação importante sobre a leitura da filosofia hermenêutica que é proposta.

Porém, frente às críticas todas traçadas por Gadamer nos tomos I e II deste artigo, o que vem a ser hermenêutica?

Hermenêutica, de uma forma geral, representa a arte de explicar algo, seja ela uma linguagem, um texto ou um comportamento. A hermenêutica filosófica aprofunda e diz que a relação não é somente com os textos, mas também com as pessoas (ou por meio delas), envolve interpretação e compreensão das diferenças existentes e, desta forma, dá vida à palavra, no singular.

A hermenêutica filosófica pode ser entendida como um sistema não fechado de conhecimento em que o autor tem a oportunidade de jogar com ele. Seria uma teoria geral do saber com discurso indiretamente ontológico, isto é, coordena outros tipos de referência numa totalidade memorial do próprio discurso, já que o diretamente ontológico é unitário no que trata, diretamente conceitual (GAUVIN *apud* ROHDEN, 2008, p. 111).

Ela é classificada, em contraposição à ontologia greco moderna e à metafísica, como um “pensamento fraco” por permitir a experiência, a liberdade e a contingência humana dentro do seu sistema o tempo todo, especialmente no final. Contudo, é exatamente por permitir e articular tanto a lógica, a ontologia, a historicidade, cientificidade, verdade e método é que pode ser classificada de forte em sua amplitude e coerência entre ser e pensar (ROHDEN, 2008, p. 112).

A obra *Verdade de Método* está estruturada em três partes: a) jogo hermenêutico: representar a verdade a partir da representatividade da arte. Em Gadamer se faz isso por meio do jogo. Há uma crítica da verdade como certeza. No jogo há regras fixas, mas ao mesmo tempo há liberdade; b) círculo hermenêutico: conceito de “ciência da história” a partir da noção de história efetual. O método é círculo hermenêutico com a crítica à história científica, sem movimento, dinâmica; c) giro ontológico: A linguagem como meio ou modo de viver, utilizando-se do diálogo.

O que está por trás das três categorias é mesmo: o tensionamento lúdico da filosofia pela busca do caminho, exercício do transpor, sem necessariamente ter a verdade como certeza ou resultado objetivado (ROHDEN, 2008). As *Leis* de Platão são um exemplo claro sobre essa proposta:

Os deuses, diz ele, cheios de piedade pela raça humana, condenada ao sofrimento, ordenam que se realizem as festas de ação de graças como descanso para suas preocupações, e deram-lhes Apolo, as Musas e Dionísio como companheiros dessas festas, a fim de que essa divina comunidade festiva restabelecesse a ordem das coisas entre os homens (ROHDEN, 2008, p. 129).

A proposta da hermenêutica gadameriana é o outro: puxá-lo para o jogo, círculo ou giro hermenêuticos e reconhecer que ele pode ter razão.

Sinteticamente, o círculo significa a vivência entre o todo e a parte como indivíduo, alargando-se paulatinamente e sempre trocando de posição. “Vivência” como substantivo feminino que, acrescido do sufixo “ar”, torna-se verbo transitivo direto “vivenciar”, de uso mais antigo que “vivência” e este substantivo traz o sentido de “vida abrangente”, representando um passo a mais na resultante da definição de “gênio” na *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant, porque “vivência” relaciona-se com unidades de sentido e não simplesmente com “sensações” ou “percepções” trazidas na leitura kantiana. Gadamer traz um exemplo, ao mesmo tempo que o critica: o princípio escriturístico da Reforma e a sua forma de interpretação da bíblia *sui ipsius interpres* – ou seja, a Sagrada Palavra interpreta-se a si mesma, alargando-se circularmente o seu conjunto a partir da realidade do indivíduo (GADAMER, 1997).

O jogo hermenêutico é a capacidade de ser da própria arte, sem vinculações de conceito subjetivo como o não conhecimento kantiano da terceira crítica. Ademais, possui uma face lúdica retirada da arte em sua contraposição estética. Em suma, a obra de arte joga o sujeito ao retorno da sua finitude e, conseqüentemente, o lança ao encontro do outro sendo este ato “... a mais peremptória advertência à consciência científica, no sentido de reconhecer seus limites” (ROHDEN; GADAMER, 2009, p. 64).

A sua seriedade é o próprio jogo, não ficando presa a qualquer outra como razão instrumental. Imagine-se o processo de execução de uma peça, feche os olhos, escolha um tom, afine o instrumento a partir do referencial científico da música tonal ocidental (nota lá em 440 hertz). Esse início necessário comporia o conjunto de regras do jogo. Em seguida, execute a peça ou lendo a partitura ou improvisando.

O som criado ganha vida e provoca experiências artísticas em quem escuta e no próprio músico, não tendo este a menor possibilidade de as prever, nem assim o deseja, não sendo esse o seu foco, ou seja, a obra não é uma representação exata de sua subjetividade, nem pode ser definida como conhecimento universal, já que está vinculada à facticidade, ao próprio vai e vem do jogo e para cada pessoa pode provocar uma experiência diferente, mas a obra em si é um jogo. Caso a peça volte a ser efetuada em outro dia, haverá novas experiências, tudo sob o tom de ludicidade própria da arte (GADAMER, 1997).

Assim, diante desses simples exemplos, não é possível pensar hoje no conhecimento hermenêutico sem entender também as outras áreas não somente do conhecimento, mas também da percepção, apesar de assinalar que a hermenêutica filosófica veio somente se firmar na década de 1960 e seguintes.

## QUADRO COMPARATIVO CONCLUSIVO

Conforme visto nos tópicos anteriores, Gadamer avançou no campo delineado por Schleiermacher quanto à hermenêutica metodológica e fez com que o caminho da interpretação e compreensão não pudesse ser apenas da palavra (objeto) ao conceito (via epistemológica), mas também do conceito à palavra (objeto), ou seja, o Hermes que leva as mensagens de Zeus aos homens, mas que também acompanha as almas ao Hades e leva as suas mensagens a Zeus.

Finaliza-se, apresentando um quadro com dados, por meio dos quais se pode estabelecer a comparação entre as duas hermenêuticas: a metodológica e a filosófica instaurada principalmente por Gadamer (ROHDEN, 2008).

Quadro 1: Comparação entre as hermenêuticas filosófica e a metodológica

Hermenêutica filosófica	Hermenêutica metodológica
Caminho: palavra (objeto) para o conceito e conceito para a palavra (objeto)	Caminho: palavra (objeto) para o conceito
Preocupa-se com o ser em Hermes (muitas maneiras de se manifestar, deus mensageiro de “mão dupla”, inclusive em relação ao reino dos mortos), não se submete a regras e provas matemáticas	Tudo deve ser provado e medido
Ultrapassa as respostas obtidas pelos dados, busca o espírito dos significados	Segue o entendimento instrumental dos dados: certo/errado, verdadeiro/falso, etc.
Segue a leitura diacrônica do ser (quem somos, o que desejamos, de onde viemos etc.)	Segue a leitura sincrônica, que é maculada (desautorizada?) pela história.
Interpretar é cooperar	Interpretar é conhecer para dominar (Francis Bacon)
Exerce a convivência responsável com os outros, fim do antropocentrismo ou, pelo menos, o seu alargamento.	Opta pela reificação da natureza. Antropocentrismo
Funda-se num ponto arquimediano (ponto de equilíbrio entre dois corpos).	Busca um porto seguro, uma certeza, sem tensão final.
É um modo de ser, ouvir, discernir e dialogar.	Julga e deduz
Consegue se enxergar e enxergar o objeto, comprometendo-se com ele, com responsabilidade.	Enxerga somente o objeto
Teoria do jogo (jogadores, regras que podem ser fixas, resultando em determinismo, liberdade, objetividade e subjetividade)	Dualismo metafísico: realidade formada por somente por duas substâncias independentes – alma/corpo, espírito/matéria etc.
Por meio da ética e da própria linguagem, criando responsabilidades, há imbricação entre o hermeneuta e o objeto analisado.	Há neutralidade entre o hermeneuta e o objeto, sem nenhuma responsabilidade.
Importa-se com o não-dito, o devir, o dialógico platônico.	Análise apofântica (parte da lógica que trata do juízo entre verdadeiro ou falso).
Verdade como novas possibilidades de perguntas: “o que é a verdade?” – Pilatos.	Verdade (wahrheit) como certeza (gewissheit)
saber que se autoexamina e coloca-se a serviço do outro.	Razão instrumental (Habermas) – técnica e doutrina. Regras para obter poder.
O que importa é também o caminho percorrido (ontologia), o que ficou de não-dito, que extravasa o real.	O que importa é a linguagem (Schleiermacher), é a chegada, o resultado.
Falar, compreender e pensar sobre o caminho.	Falar e compreender (Schleiermacher)
Métodos: jogo, círculo e diálogo	Método metafísico binário.
Aspecto intuitivo, inspiração, ânsia de conhecer (Schleiermacher).	Literalidade no conhecer.
Lógon didónai: dar conta e prestar conta. Circularidade do processo compreensivo. Entrar no círculo.	Relação entre a parte e o todo, com o sujeito neutro pelo lado de fora.

continua...

Hermenêutica filosófica	Hermenêutica metodológica
Ética, historicidade e linguagem juntas.	Interpretação causal, linear.
Obras humanas como vozes.	Obras humanas como fósseis.
Mundo do texto + mundo do leitor	Mundo do texto
Lemos a vida do texto.	Lemos o texto sem vida.
Linguagem no divã	Linguagem no seu quadradinho.
Exemplo: La Mer de Debussy – ideia de aspiral, circularidade, não se revela totalmente, mostra a sensação humana ao ver o mar e não o seu retrato.	Exemplo: 5ª Sinfonia de Beethoven – tema com início, meio e fim. Com autoevidência desde o primeiro acorde. Revela-se totalmente.

## NOTIONS OF PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS IN GADAMER

*Abstract: this article presents a small panorama of Gadamerian hermeneutics. Therefore, the following routes are: first on whom was Hans-Georg Gadamer, the transformations in philosophy are discussed, which have provided the passage from methodological to philosophical hermeneutics. Later, this hermeneutic presented by Gadamer is delimited; finally, the two are discussed with their main differences.*

*Keywords: Methodological Hermeneutics. Philosophical Hermeneutics. Interpretation, Gadamer, language.*

### Notas

- 1 Talvez o conto mais emblemático desse universo filosófico nem seja a vida de Gregor Samsa retratada no conto *A Metamorfose* mas sim o conto *A Toca*, publicado no Brasil também com o nome *A construção* ou *O Covil*, no qual há um animal (Kafka quase sempre não define bem os seus personagens) que tenta construir tantos túneis para se preservar que, ao tentar sair deles, perde-se e morre sufocado (KAFKA, 2001a; KAFKA, 2008; KAFKA, 2000; KAFKA, 2001b; KAFKA, 2009; KAFKA, 1995; KAFKA, 1998).
- 2 Uma das frases mais marcantes é encontrada logo no início do diálogo, quando Tirésias alfineta: “Oh! Terrível coisa é a ciência, quando o saber se torna inútil” (SÓFOCLES, 2005, p. 23).
- 3 Neste ponto, novamente Gadamer se aproxima de Kafka, que também sofreu considerável pressão do pai, Johannes Gadamer, o qual morreu em 15 de abril de 1928. Gadamer inclusive, mesmo já adulto e após a segunda guerra, revela que sempre sentia que Heidegger o estivesse observando, numa referência clara ao seu pai, uma vez que o mesmo Gadamer o teria desagradado, ou desautorizado, ao optar pela filosofia antes do seu falecimento. Essa ideia pode ser reforçada pelas cartas de Heidegger a alguns interlocutores, especialmente a de 1924, que questiona a capacidade e disciplina de Gadamer (GRODIN, 2000; GADAMER, 2002. p. 560).
- 4 Talvez fosse essa afirmação que ele queria dizer ao seu pai para demonstrar que os filósofos, ou ele mesmo, seu filho, não eram “charlatões”, ou até que o próprio “charlatanismo” estaria no outro ramo da filosofia e não na hermenêutica.
- 5 Aqui Gadamer apresenta a história do conceito como filosofia e traça bem a dificuldade em se desvencilhar das amarras do procedimento indutivo das ciências do espírito, vez que não há como controlar pela experimentação a validade dos conceitos filosóficos.

- 6 A obra é de 1785, antes, portanto, da segunda crítica (Crítica da razão prática) que é de 1788 e da terceira crítica (Crítica da Faculdade do Juízo) que é de 1790. A primeira crítica (Crítica da Razão Pura) é bem anterior a todas, ou seja, datada de 1781.
- 7 Figura mitológica, filho de Zeus e Maia e irmão de Apolo. Possui a função de mensageiro de Zeus e dos deuses infernais Hades e Perséfone, como guia da alma dos mortos para ambos (GRIMAL, 2005, p. 224).
- 8 Adequada no sentido de delimitação exata de significado como o é na matemática ou como o próprio Gadamer lembra, pelo exemplo, do conceito aristotélico de *hylé* (matéria) em sua teoria clássica de definição, como gênero próximo mais diferença específica (GADAMER, 2002, p. 107).
- 9 Todavia, não devemos esquecer que dentro da filosofia atual a hermenêutica metodológica como método de interpretação dos textos filosóficos é somente um dos vários existentes para análise, posto que há também o dialético, o analítico, o fenomenológico, dentre outros (ROHDEN, 2008, p. 40).
- 10 Uma espécie de contador de histórias popular. Sócrates aconselha Ion a adentrar nos pensamentos de Homero para melhor declama-lo nas competições gregas em Panateneas, que eram festas em homenagem à deusa grega Atenas (PLATÃO, 2011).
- 11 “Da Interpretação”, em português. Há uma edição bilíngue (ARISTÓTELES, 2013).
- 12 A palavra *hermenêutica* somente ganha maior respeitabilidade e independência dentro da filosofia, ou seja, sem necessariamente estar presa ao seu conceito metodológico vinculado a algum ramo do conhecimento, como a religião, o direito e a arte, em meados do século XX, sendo Gadamer um dos responsáveis por esse fenômeno, já que o próprio Heidegger reconheceu numa carta escrita ao filósofo Otto Pöggler que: “A hermenêutica filosófica é lá coisa de Gadamer, com ele, esta se tornou um bom contrapeso à filosofia analítica e à linguística. (Com esta) em longo prazo, também a estrutura intrínseca das moribundas ciências humanas terá algum benefício” (KAHLMAYER-MERTENS, 2017, p. 32).

## Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina; *De magistro*. Tradução: Ângelo Ricci. Coleção Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas: Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 4, 2006.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. Tradução: José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico*. Barueri, SP: Manolo, 2003.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método I*. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método II: complementos e índice*. Tradução: Ênio Paulo Giachini. Revisão da tradução: Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Memórias: poesia e verdade*. Tradução: Leonel Vallandro. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1986.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução: Victor Jabouille. 5. ed. Verbete Hermes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GRODIN, J. *Hans-Georg Gadamer – Uma biografia*. Tradução: Angela Ackermann *et al.* Barcelona: Herder, 2000.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. *10 lições sobre Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- KAFKA, Franz. *O veredicto/ Na colônia penal*. Tradução: M. Carone. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2001a.
- KAFKA, Franz. *O covil*. Tradução: João Gaspar Simões. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001b.
- KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio: (1914-1924)*. Tradução M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. Consultoria: Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução: Valerio Rohden. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- KANT, Immanuel. *Fundamentación de la metafísica de las costumbres*. Tradução: Luis Martinez de Velasco. Madrid: Austral. 2008b.
- MACIEL, Joelson de Campos. *O direito a saúde e a um meio ambiente favorável ao trabalho e aos trabalhadores*. São Paulo: LTr, 2013.
- NEF, Frédéric. *A linguagem: uma abordagem filosófica*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.
- PLATÃO. *Ion*. Tradução Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- ROHDEN, L. GADAMER. *Os filósofos: clássicos da filosofia*. v. III: de Ortega y Gasset a Vattimo / Rossano Pecoraro (org.). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.
- ROHDEN, L. Gadamer. *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.
- ROHDEN, L. Gadamer. *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2002.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação: Celso Reni Braida. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- SÓFOCLES. *O Rei Édipo*. Tradução J. B. de Mello e Souza. Versão para eBook eBooksBrasil.com. Fonte Digital. Digitalização do livro em papel. Clássicos Jackson. v. XXII. Janeiro de 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/edipo.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- SUMPF, J. et al. *Filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1973.
- TIETZ, U. *Hans-Georg Gadamer zur Einführung*. Hamburgo: Junius, 2005.
- TUGENDHAT, Ernest. *Lições sobre ética*. Tradução: grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Revisão e organização da tradução: Ernildo Stein. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.